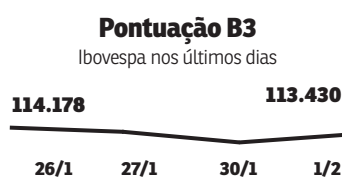
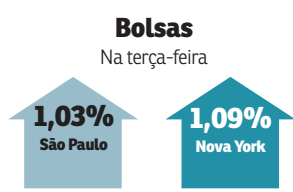




7 • Correio Braziliense — Brasília, quarta-feira, 1º de fevereiro de 2023



Na terça-feira

**Dólar**

**R\$ 5,077**  
(- 0,75%)

Dólar	Últimos
25/janeiro	5,079
26/janeiro	5,074
27/janeiro	5,112
30/janeiro	5,115

**Salário mínimo**

**R\$ 1.302**

**Euro**  
Comercial, venda na terça-feira

**R\$ 5,516**

**CDI**  
Ao ano

**13,65%**

**CDB**  
Prefixado 30 dias (ao ano)

**13,66%**

**Inflação**  
IPCA do IBGE (em %)

Agosto/2022	-0,36
Setembro/2022	-0,29
Outubro/2022	-0,59
Novembro/2022	0,41
Dezembro/2022	0,62

## CONJUNTURA

# Sob pressão, Copom deve manter juros

Para analistas, críticas do presidente Lula e de outros integrantes do governo à política monetária podem ter efeito contrário ao desejado e aumentar expectativas de inflação, o que levaria o Banco Central a ajustar as taxas para cima

» ROSANA HESSEL

Os comitês de política monetária do Brasil (Copom) e dos Estados Unidos (Fomc) se reúnem, hoje, para decidir sobre as taxas básicas de juros nos dois países. Os resultados não devem surpreender, segundo analistas. Mas, por aqui, o clima é de maior turbulência, devido a declarações recentes do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e de seus ministros, que têm questionado a política de juros e deixado agentes financeiros preocupados — inclusive, colocando no radar a possibilidade de o Banco Central ser levado a promover novas altas das taxas.

O consenso entre especialistas é de que, na reunião de hoje, o Copom deve manter a Selic em 13,75% ao ano, nível em que se encontra desde agosto, apesar das críticas de dentro do governo. Com autonomia para gerir a política monetária, e seguidos alertas em relação à piora do quadro fiscal, o BC não pretende baixar os juros tão cedo.

Ontem, após evento na Federação Brasileira de Bancos (Febraban), o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, relatou que se reuniu na segunda-feira com o presidente da autarquia, Roberto Campos Neto, com o intuito de debater alternativas para reduzir o custo do crédito. Além de inusitado, por não respeitar o período de silêncio de dirigentes do BC às vésperas de uma reunião do Copom, o encontro pode ser visto como uma forma velada de crítica à política monetária.

Até o vice-presidente Geraldo Alckmin, ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), não poupou ataques ao elevado patamar da Selic. “Precisamos verificar por que o Brasil tem juros tão altos. O que justificaria?”, questionou, em debate promovido pela Associação Brasileira de Supermercados (Abras), em Brasília.

Além das críticas aos juros, Lula e Haddad andaram cogitando elevar a meta anual de inflação para 4,5% com o propósito de suavizar o aperto monetário conduzido pelo BC. A medida, segundo analistas, só agravaria o quadro.

### Tiro no pé

O centro da meta de inflação é de 3,25% neste ano, e passará para 3%, nos dois anos seguintes. Não à toa, diante das sinalizações trocadas e confusas do novo governo, as projeções para a inflação deste ano e do próximo pioraram, indicando que a meta deste ano não será cumprida, a exemplo do que ocorreu em 2021 e 2022.

O Conselho Monetário Nacional (CMN) tem até junho, como é de praxe, para anunciar a meta de inflação de 2026 e reafirmar ou modificar as de 2024 e 2025. De acordo com analistas, no atual cenário de piora fiscal por conta do forte aumento de gastos, se o governo elevar agora a meta, as expectativas de inflação tendem a subir. Desse modo, o BC seria obrigado a

elevar a taxa básica de juros, em vez de reduzi-la.

É o que aponta um relatório divulgado, ontem, pelo Itaú Unibanco. Segundo o estudo, assinado pelos economistas Guilherme Martins, Julia Passabom, Natalia Cotarelli e Luciana Rabelo, se o CMN aumentar a meta de inflação para 4,5% em 2024, haverá uma desancoragem das expectativas e, com isso, “existirá o risco de o BC ter que subir a Selic para aproximadamente 15% ainda este ano”.

“Mexer na meta de inflação não é um tiro de pistola no pé, mas de metralhadora”, resumiu Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados. “Se o CMN sinalizar aumento da meta, não haverá mais discussão de queda de juros neste ano, e sim de alta. Essa discussão nem deveria existir. Vai ser um passo em falso muito grande se o governo for por esse caminho”, alertou.

### Sem surpresa

Na avaliação de Vale, apesar das pressões de integrantes do governo para antecipar a queda da Selic, o Copom, na reunião de hoje, não deve surpreender e vai manter a taxa básica. “Espero, porém, que o BC seja mais duro sobre esses equívocos que têm acontecido. Será preciso uma sinalização forte de que o fiscal precisa ser bem equacionado para que a taxa de juros caia”, afirmou Vale. “Por conta desses ruídos, o BC terá que sinalizar mais demora para a queda de juros, confirmando a expectativa do mercado”, acrescentou.

Caio Megale, economista-chefe da XP Investimentos, lembrou que a sinalização do governo do lado fiscal tem sido “dúbia”, sem um bom plano de corte de despesas, e reforçou que as críticas do presidente Lula à Selic e às metas de inflação ajudam a pressionar as expectativas para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). “Isso tende a deixar o Banco Central, no mínimo, mais conservador”, advertiu o economista.

Apesar de o ministro Haddad afirmar que pretende entregar o novo arcabouço fiscal até abril, antes do prazo previsto na Proposta de Emenda à Constituição (PEC) da Transição, há muitas arestas a serem aparadas para que o BC comece a reduzir a Selic neste ano, segundo o economista da XP, que aposta na manutenção da taxa de 13,75% até dezembro.

Em linha divergente, o economista Carlos Thadeu de Freitas Gomes, ex-diretor do Banco Central e assessor da Confederação Nacional do Comércio (CNC), diz que o BC precisa reconhecer que a taxa de juros está alta e reduzi-la em breve. Ao contrário da maioria dos analistas, Gomes não vê problema em mudar a meta de inflação, que considera muito apertada. “Sempre fui favorável a um objetivo um pouco maior, porque o Brasil não é um país rico e desenvolvido. O mercado financeiro não vai gostar, mas é preciso reconhecer que o cenário mudou após a pandemia e será preciso, sim, mudar a meta”, afirmou.

### Sem espaço para cair

Na primeira reunião do ano, o Comitê de Política Monetária (Copom) deverá manter a taxa básica da economia (Selic) em 13,75%, mesmo patamar desde agosto de 2022, em meio às incertezas fiscais e tensão com sinalizações ruins do novo governo

### EVOLUÇÃO DA TAXA SELIC

Veja o resultado de cada decisão do Copom desde o início do ciclo de aperto monetário, em março de 2021



\*Consenso entre analistas do mercado para a decisão de hoje do Copom

\*\*Previsão da XP Investimentos para a taxa Selic no fim deste ano

### DESTAQUES

#### 12,50%

Mediana das estimativas do mercado para a taxa Selic o boletim Focus desta semana. Há quatro semanas, a projeção era de 12,25%

#### 15%

Previsão do Itaú Unibanco para a Selic ainda neste ano se o governo resolver mudar a meta de inflação em junho, prazo para a divulgação da meta de 2026 e confirmação das dos anos anteriores

#### 3,25%

Meta de inflação deste ano determinada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), com limite superior de 4,75%



### PIORA NAS ESTIMATIVAS

Projeções para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) desde ano e do próximo só sobem desde o último Copom e estão acima das metas

Mediana das projeções do boletim Focus - Em % ao ano

Data	2023	2024
09/12	5,08	3,50
16/12	5,17	3,50
23/12	5,23	3,60
30/12	5,31	3,65
06/01	5,36	3,70
13/01	5,39	3,70
20/01	5,48	3,84
27/01	5,74	3,90

Fonte: Banco Central e analistas

## Reunião quebra regra de silêncio

O encontro do presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, com o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, na véspera das reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom), que começaram ontem e terminam hoje, chamou a atenção de analistas.

Ex-diretores do BC e ex-integrantes de equipes econômicas de governos anteriores destacaram que esse tipo de reunião não é comum, especialmente porque existe um período tácito de silêncio dos diretores da autarquia, que começa na quarta-feira antes do Copom e vai até a terça-feira da semana seguinte.

“Não é comum uma reunião desse tipo antes do Copom, mas nossa expectativa é que isso não influencie a decisão do Comitê, que vai continuar considerando as sinalizações do lado fiscal do novo governo, que continuam dúbias”, alertou Caio Megale, economista-chefe da XP Investimentos. Ele lembrou que o ministro Haddad tem falado da importância do equilíbrio das contas públicas e sinalizado que

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Para Megale, governo emite sinalizações “dúbias” sobre quadro fiscal

está empenhado no desenho do novo arcabouço fiscal, mas, por outro lado, tem a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) da Transição que aumentou os gastos “muito além do necessário e do razoável”.

Se é motivo de críticas de integrantes do governo, a taxa básica

de juros (Selic), atualmente em 13,75% ao ano, tem garantido uma remuneração atrativa para pequenos investidores ou para quem tem aversão ao risco nas aplicações financeiras.

Miguel Ribeiro de Oliveira, diretor executivo de Estudos e Pesquisas Econômicas da

Associação Nacional de Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac) lembra que juros nesse patamar garantem uma rentabilidade melhor para aplicações em renda fixa atreladas ao CDI, como fundos, CDBs e títulos prefixados ou pós-fixados do Tesouro Direto.

“O Banco Central deverá manter a taxa Selic em 13,75% por um período mais prolongado, devendo começar a diminuir a taxa apenas na segunda metade do ano, porque ainda há repiques inflacionários, como nos alimentos. Dependendo da situação da inflação, o Banco Central poderá começar a reduzir os juros, mas muito pouco neste ano, talvez algo entre um ponto a dois pontos percentuais. Mesmo assim, a Selic ainda continuará em um patamar elevado, o que continuaria proporcionando uma rentabilidade boa para a renda fixa frente a outros tipos de aplicação, como Bolsa e poupança”, afirmou. “A renda fixa vai continuar sendo atrativa neste ano”, emendou. (RH)